

“Queremos formar alunos para mudar o mundo”

Francisco Veloso, novo director da Católica-Lisbon School of Business & Economics, quer consolidar a internacionalização e formar alunos cada vez mais empreendedores.

“**F**ormar diplomados que possam ser agentes de mudança em Portugal e no mundo”. Este é o objectivo da Católica Lisbon-School of Business & Economics. Para o recém-nomeado director, criar quadros que possam ajudar a resolver a crise é uma das missões da escola. Para o conseguir vai reforçar a aposta no empreendedorismo e consolidar a internacionalização da escola. Forte crítico da endogamia, defende que as universidades sejam impedidas de contratar os seus doutores por um período de quinze anos. Ou então permitir que apenas um em cada dez professores contratados se tenha doutorado na instituição. Para Francisco Veloso, os alunos são o grande orgulho da instituição. Os seus diplomados são bem recebidos no mercado de trabalho, porque “criam valor nas organizações”. Quanto à parceria com a Nova School of Business & Economics deverá ser estendida a outros domínios da formação pós-graduada.

Quais as áreas em que pretende apostar no seu mandato?

A principal prioridade é consolidar a internacionalização da Católica-Lisbon School of Business & Economics. A escola já tem muitas dimensões em que é reconhecida internacionalmente, pelo facto de ter a “triple crown”, a tripla acreditação das três principais organizações internacionais (EQUIS, AMBA and AACSB) e pelo facto de estar presente nos “rankings” do Financial Times. Mas é preciso consolidar. Actualmente, já temos na escola professores de dez nacionalidades diferentes e cerca de 30% de alunos internacionais nos mestrados. Se a Católica já é uma escola que se destaca e com um grande reconhecimento nacional, há ainda muito a fazer para se consolidar e afirmar-se no mercado internacional.

Pretende também apostar no empreendedorismo?

Gostava ainda de apostar na área de empreendedorismo e inovação, que é a minha especialidade. Uma aposta essencial já que a alteração da realidade portuguesa implica mais empreendedorismo e inovação. Não só através da criação de novas empresas que criem mais valor, mas despertando nos nossos alunos a vontade de empreender através do lançamento de iniciativas nas organizações para onde vão trabalhar.

Como é que poderá estimular esse vontade de empreender nos alunos?

Dando-lhe mais oportunidades e apoio quando propõem iniciativas. Temos um clube de empreendedorismo que desenvolve muitas iniciativas. A minha antecessora, a professora Fátima Barros, já o fazia e vou continuar a dar apoio a todas as iniciativas que surjam. Já tivemos eventos como as “24 horas de empreendedorismo” e, no Verão, vamos promover o “Summer of start ups”. É uma área em

“

Acho que seria benéfico que as universidades portuguesas não pudessem contratar os seus doutorados, por um período de dez ou quinze anos.

PERFIL

O director internacional

Francisco Veloso é o exemplo acabado do contrário da endogamia. Engenheiro diplomado no Instituto Superior Técnico, fez o mestrado no ISEG e o doutoramento no MIT. Conhece a fundo várias universidades europeias e norte-americanas. Até há pouco tempo, deu aulas na Carnegie Mellon University (CMU). Um percurso de vida que é o exemplo prático do que defende em termos de política de gestão dos recursos humanos no ensino superior. Contra a endogamia, ficou conhecido por um artigo que publicou com Hugo Horta e Rócio Grediaga, na revista “Management Science”, onde defende que a endogamia é inimiga da produtividade científica. Especialista em empreendedorismo, foi o fundador do JUNITEC, o centro de empreendedorismo do Técnico. Recentemente, foi nomeado director da Católica-Lisbon School of Business & Economics.

que temos vindo a trabalhar e que pretendo reforçar. Todas estas iniciativas somam-se a outra coisa muito importante, que é o facto do empreendedorismo ter uma base muito sólida ancorada numa área disciplinar a que se dedicam seis professores de quatro países diferentes.

Depois do sucesso da parceria do Lisbon MBA, fala-se na fusão da formação de executivos entre a Nova e a Católica? Vê com bons olhos este projecto? E quando é que poderá arrancar?

No âmbito dessa colaboração temos vindo a explorar várias dimensões, mais é muito cedo para definir a configuração dessa colaboração. O objectivo é expandir essa colaboração, sendo parceiros a nível das pós-graduações.

Na sua opinião, o que distingue um diplomado da Católica dos licenciados de outras escolas?

O facto de serem agentes de mudança em Portugal e mesmo no estrangeiro. Para além de serem muito bons profissionais e bem formados, íntegros – o que para a Católica é muito importante –, também devem ter a perspectiva de querer mudar o ambiente envolvente. Parte do sucesso que os alunos têm no mercado reflecte essa visão do mundo. E é uma atitude que as empresas valorizam pelo facto destes diplomados criarem valor nas organizações.

A endogamia é um dos principais problemas das universidades portuguesas. O professor Marçal Grilo chegou a propor que as universidades sejam proibidas de contratar os seus doutorados. Concorda?

Acho que seria muito boa ideia porque isso criaria um verdadeiro mercado de professores em Portugal, que não existe. Muitos professores querem sempre ficar na universidade onde se doutoraram, mas se soubessem que não o poderiam fazer, teriam uma atitude de procurar noutras universidades. Isso também alteraria a postura das escolas, que pelo facto de não poderem contratar teriam que olhar para os doutorados de outras escolas. Com as pessoas que se formam no estrangeiro, nos últimos anos, a situação mais comum é quem se doutora acaba por ficar na própria escola. Mas quando estes doutorados são, na sua maioria, dos próprios departamentos, isso começa a ser um problema, porque limita a diversidade intelectual e a abertura. A melhor forma de resolver este problema seria impor esta limitação. Poderia não ser à totalidade dos professores. Poderia estabelecer-se que apenas 10% dos novos professores poderiam ser doutorados da própria escola. Acho que seria benéfico que as universidades portuguesas não pudessem contratar os seus doutorados, por um período de dez ou quinze anos. Depois, quando o sistema estivesse mais maduro e essa já fosse a prática, poderia acabar-se com essa imposição. ■ **Madalena Queirós**



Francisco Veloso é o novo director da Católica-Lisbon School of Business & Economics.

“Start ups dev

As empresas de base tecnológica, que acabam de lançar-se, deveriam ter um período de carência no pagamentos de impostos.

Acredita que Portugal tem o talento necessário para vencer, depois das contas públicas estarem em ordem. Mas está preocupado com a ditadura fiscal e alguns cortes que estão a afectar sectores críticos da sociedade.

Em termos de política de ensino superior, o que é preciso mudar?

É importante termos universidades competitivas. Temos que ter universidades de elite com lógicas de financiamento diferentes. Algumas universidades públicas queixam-se que estão a receber menos do que as escolas do ensino secundário. Na Católica não recebemos nem um euro do Estado. Mas as instituições de ensino superior que têm uma aposta na investigação muito grande deviam ter uma lógica de finan-

* 15

Cerca de 15 milhões de euros é o valor do orçamento global da Católica-Lisbon.



Paulo Figueiredo

eriam pagar impostos mais tarde”

ciamento diferente, de forma a premiar essa excelência.

Que avaliação faz da política económica?

Preocupa-me que se diga que ninguém pode ter benesses fiscais. Por exemplo, poderíamos ter instrumentos criativos, para fomentar as empresas de base tecnológica, neste momento, em que é tão difícil para as empresas ir buscar capital. Existem esquemas muito interessantes. Por exemplo, imagine que sou uma 'start up' em crescimento. Em vez de pagar os meus impostos este ano, se puder pagar parte da minha carga fiscal mais tarde, a empresa poderá durante os primeiros dois anos investir essa verba para garantir que tem um forte crescimento. Com o nível de peso dos impostos, se uma fracção desse valor pudesse ser investida, as empresas teriam que ir buscar menos capital, o que pode ser crucial na sua fase de arranque das empresas. Tem que haver alguma criatividade em lançar soluções que permitam criar condições de crescimento para estas empresas. A minha preocupação é que alguma perspectiva de controlo, do lado financeiro, esteja a obliterar alguma destas ideias que podiam ser interessantes para garantir

“

Preocupa-me esta forma de alguma ditadura fiscal e os cortes feitos em sectores críticos.

algum crescimento económico. Preocupa-me esta forma de alguma ditadura fiscal. Preocupam-me os cortes que são feitos nalguns sectores críticos nas universidades, porque prejudicam as instituições que fazem mais aposta na investigação.

A inovação pode ser uma das saída da crise?

Faço parte do Conselho Nacional de Inovação e Empreendedorismo e tenho oportunidade de o dizer neste órgão consultivo. Estou a fazer um trabalho de dinamização do Conselho de Inovação e Empreendedorismo para avançar com um contributo de ideia do que poderá ser feito. A minha perspectiva é construtiva e de participação. Temos que ter a preocupação de não deixar o bebé ir com a água do banho. Temos um País fantástico, com pessoas fantásticas. Estou preocupado, mas se conseguirmos endireitar as nossas finanças, temos um futuro muito promissor e temos muitas iniciativas de lançar 'start up' tecnológicas. Há imenso talento e pessoas cheias de vontade de mudar o paradigma que há que mudar. Sou muito otimista. Muitos dos meus amigos americanos perguntaram-me: mas tu vais agora para lá? Temos é que fazer as coisas acontecer. ■



“Queremos formar agentes de mudança”, diz Francisco Veloso, director da CLSBE **P.4**